



DREAMWALKER

CONTOS

Oníricas

NÚMERO - 0

O Grande Livro foi concebido a partir de uma série de intensos sonhos lúcidos, onde o subconsciente guiou a narrativa por caminhos enigmáticos e repletos de significados ocultos. Cada capítulo reflete essas experiências oníricas, trazendo à tona conflitos internos que simbolizam a luta entre o isolamento e a união. O processo criativo foi enriquecido pelo suporte da Inteligência Artificial, que ajudou a expandir os limites da imaginação e moldar a atmosfera única do conto. A IA desempenhou um papel essencial na construção de cenários e na complexidade filosófica da história, permitindo uma fusão harmoniosa entre o mundo dos sonhos e o raciocínio lógico. Esta obra é um testemunho da colaboração entre a criatividade humana e a tecnologia, e convida o leitor a explorar uma realidade em que os limites entre o real e o imaginário se dissolvem, revelando verdades profundas sobre a condição humana.

O GRANDE LIVRO

ÍNDICE

1. O GALPÃO NO HORIZONTE
2. O SILÊNCIO QUE PRECEDE O NOME
3. O CAPITÃO E O LIVRO ETERNO
4. MUNIÇÃO PARA A GUERRA
5. O CAMPO SEM INIMIGOS
6. A ESSÊNCIA DA UNIÃO



DREAMWALKER

CAPÍTULO 1 — O GALPÃO NO HORIZONTE

O céu, outrora um vasto oceano de estrelas que trazia conforto aos vagantes, agora se tornara um abismo negro, pesado e inerte, como se os astros tivessem deliberadamente abandonado aquele espaço, deixando-nos à mercê de uma escuridão absoluta. Havia algo de inerentemente errado naquela ausência, um vazio que sugava não apenas a luz, mas qualquer esperança de salvação ou redenção. Era como se o próprio universo tivesse nos esquecido.

Caminhávamos em silêncio. Cada passo afundava na terra úmida, que exalava um cheiro agri-doce, reminiscente de sangue coagulado e de flores mortas, misturando a memória de vida e morte num só perfume. O solo não era comum; havia uma textura ali que parecia viva, como se aquele chão já tivesse bebido do sofrimento de incontáveis almas.

Talvez estivéssemos marchando sobre um campo de batalha ancestral, cujas guerras há muito perdidas tinham sido obliteradas da memória coletiva, mas não dos ossos daquele solo.

O vento cortante trazia consigo o peso de antigas memórias. Eram fantasmas do passado que sussurravam nas sombras, como se o próprio tempo, fatigado, tivesse desistido de seguir em frente e se deixasse corroer por essas lembranças. A cada nova rajada, uma pergunta se levantava dentro de mim: quem éramos nós, e por que estávamos ali? Não havia respostas. Apenas um senso de inevitabilidade nos guiava, como se o destino fosse algo já escrito, inalcançável e incompreensível, em uma língua que o espírito humano jamais entenderia.

À minha volta, outras figuras marchavam. Suas feições, ainda que indistintas sob a luz fraca que mal atravessava a atmosfera densa, pareciam vazias, como se suas almas tivessem sido despojadas de qualquer sentimento ou emoção. Eram corpos, meramente ocupando espaço e tempo, movendo-se por pura inércia. Havia uma uniformidade nas suas expressões - ou melhor, na ausência delas. Cada passo era dado, não com esperança ou desejo de chegar ao destino, mas com uma resignação silenciosa, como se todos soubessem que nada, no fim, poderia alterar o curso dos eventos.

A estrutura à nossa frente crescia à medida que nos aproximávamos. Era o único ponto de referência em um horizonte morto, uma construção titânica, cuja origem ou propósito não poderíamos decifrar.

O galpão erguia-se como um monólito que rejeitava as leis naturais, como se desafiasse a própria lógica que ordena o mundo. Suas paredes negras, de um material que não se assemelhava a nada que eu já tivesse visto, pareciam absorver qualquer luz ao seu redor. Eu me perguntava, à medida que avançávamos: seria aquilo uma construção dos homens, ou uma entidade em si, viva, pulsante, aguardando sua presa?

As trincheiras ao nosso redor, cavadas profundamente na terra, estavam vazias, como se há muito tivessem sido abandonadas por qualquer presença humana. E, no entanto, a morte estava ali, impregnando o ar com sua presença invisível, mas tangível. Parecia que os corpos, se é que algum dia existiram, haviam sido absorvidos pela própria terra.

O solo, tingido de um vermelho sombrio, pulsava com uma vida oculta, algo profundamente antigo e primordial, talvez até mais antigo que a própria morte. A ideia me perturbava, mas não conseguia afastá-la.

O ar ao nosso redor era pesado, carregado de sons distantes. Explosões abafadas ecoavam ao longe, como memórias desvanecidas de uma guerra antiga, esquecida por todos, exceto por aqueles que a vivenciaram. Gritos ecoavam de algum lugar além da nossa compreensão, vindos de uma realidade paralela, talvez de um tempo que corria simultâneo ao nosso, mas inalcançável. Esses sons, entretanto, não evocavam medo, mas uma sensação de familiaridade desconfortável, como se o terror já fosse uma parte intrínseca da nossa existência.

Caminhávamos. Não havia pressa, não havia hesitação, apenas um movimento constante. O caminho diante de nós era claro, mas a clareza não trazia paz, apenas uma aceitação amarga de que a jornada era inevitável. A resignação tomava conta de nossos corações como um peso insuportável. E, no entanto, havia algo perturbadoramente atraente naquele caminho, como se estivéssemos sendo levados não por nossa própria vontade, mas por uma força invisível que residia nas sombras, uma força que conhecia cada um de nós profundamente.

Cada passo era uma espécie de ritual, um sacrifício de vontade, entregando-nos ao destino que se aproximava. Não sabíamos o que nos aguardava no fim, mas isso não importava mais.

O galpão, essa estrutura imponente e grotesca, agora estava a apenas alguns metros de distância, e sua presença me assombrava de uma forma que eu não conseguia explicar. Era como olhar para o abismo e perceber que ele, de fato, estava olhando de volta.

Ao nos aproximarmos ainda mais, algo estranho começou a acontecer. A sensação de que estávamos caminhando para algo além da compreensão humana tornou-se quase insuportável. As paredes do galpão pareciam se mover de uma maneira sutil, como se estivessem vivas, respirando. Cada rajada de vento fazia o metal da estrutura ranger, emitindo um som agudo e prolongado, como um lamento antigo, um som que carregava consigo o peso de eras de sofrimento e solidão.

Olhando para aquele galpão, eu não conseguia evitar pensar na natureza da realidade e da existência. O que nos separava daquele lugar? Seria o galpão uma representação física do próprio inferno? Ou, talvez, ele fosse algo mais profundo, um reflexo da nossa própria mente, das angústias e medos que cultivamos ao longo da vida? O que nos aguardava ali dentro? E, mais perturbadoramente, por que estávamos sendo atraídos para ele?

Havia um abismo no meu coração, uma ausência de respostas que me sufocava. Pensamentos filosóficos começaram a se agitar na minha mente. Talvez a verdade da existência fosse, de fato, incompreensível, um paradoxo além da capacidade humana de entender.

A vida era apenas uma série de eventos, movidos por causas que não conseguimos ver, em direção a um destino que não podemos evitar. O livre-arbítrio, tão valorizado pelos homens, parecia uma ilusão amarga, uma invenção para nos confortar diante da vastidão do universo. Ali, à sombra do galpão, essa ilusão se desfez completamente.

A vida parecia ser uma dança entre o bem e o mal, entre a luz e a escuridão, mas ali, a escuridão dominava. Era como se o próprio universo tivesse se esquecido de qualquer equilíbrio, e nós fôssemos as testemunhas de um fim inevitável. E, no entanto, havia uma beleza nessa escuridão. Não a beleza que acalma ou traz paz, mas uma beleza feroz, que dilacera a alma e revela a verdadeira essência do ser.

O galpão agora se erguia diretamente à nossa frente, sua sombra caindo sobre nós como o manto da morte. As portas, imensas e feitas de um metal escurecido pelo tempo, estavam entreabertas, e um frio imenso emanava de dentro. Não era apenas o frio físico, mas algo que penetrava até os ossos, como se toda a esperança tivesse sido arrancada daquele lugar há muito tempo.

Trocamos olhares, mas ninguém falou. Palavras seriam inúteis ali, na beira do abismo. Sabíamos, sem que fosse dito, que o momento de atravessar as portas havia chegado. Algo nos esperava lá dentro. Algo que não era deste mundo, algo que desafia a própria razão e sanidade. O galpão nos aguardava, silencioso e vigilante, como o guardião de um segredo terrível, um segredo que talvez não fôssemos capazes de compreender.

CAPÍTULO 2 — O SILÊNCIO QUE PRECEDE O NOME

Dentro do galpão, a atmosfera era sufocante. O espaço interno se estendia em uma vastidão que desafiava os limites da percepção humana. Parecia um abismo de madeira, com fileiras intermináveis de bancos desgastados, que se alinhavam como se aguardassem uma cerimônia esquecida, uma solenidade de que ninguém mais se lembrava. As pessoas estavam sentadas ali, imóveis, em um silêncio absoluto, seus olhares vazios, como se tivessem sido apagados pelo peso do tempo ou pela própria essência daquele lugar. O ar vibrava com uma tensão silenciosa, um prenúncio do inevitável, como se cada segundo fosse uma corda esticada, prestes a se romper.

Eu procurei um lugar entre as figuras silenciosas e me sentei. Meu corpo cedia à gravidade da inquietação, mas minha mente se recusava a entender o que estávamos todos esperando.

Não havia palavras para descrever a sensação de estar ali, mas algo em mim sabia que aquele silêncio não era apenas a ausência de som, mas algo mais profundo, mais opressor. Era o silêncio de algo que já havia acontecido e que estava destinado a se repetir, como um ciclo que não podia ser quebrado.

Os soldados que guardavam o galpão caminhavam com uma precisão mecânica, quase sobrenatural. Seus uniformes pesados e imponentes pareciam ter sido forjados em um tempo distante, como se fizessem parte de uma história que já havia sido esquecida. Seus rostos estavam ocultos, mas suas presenças eram tão fortes que pareciam preencher todo o ambiente, cada movimento calculado com a frieza de autômatos.

Não havia comunicação entre eles, apenas uma vigilância constante, como se cada respiração, cada batida de coração, estivesse sendo observada e avaliada. A sensação de estar sendo julgado, de ser parte de uma audiência sem fim, tornou-se esmagadora.

Tudo estava errado ali. Não era apenas o ambiente, com suas paredes de madeira escura que se estendiam até o horizonte, como se o galpão não tivesse fim. Não era apenas o cheiro de morte, aquele odor agridoce de um fim que não havia chegado, mas que pairava, inalável, como uma promessa quebrada. Era a própria existência daquele lugar, como se ele não devesse estar ali, como se fosse um erro no tecido da realidade, um vestígio de algo que nunca deveria ter sido.

Mas, ainda assim, ali estávamos, sentados, aguardando algo que nem mesmo nós podíamos compreender.

Procurei compreender os outros ao meu redor, os rostos pálidos, os corpos imóveis. Perguntei ao homem ao meu lado, cujos olhos estavam fixos em algum ponto distante e invisível, o que acontecia. Ele me lançou um olhar rápido, um olhar de puro terror, como se o simples ato de perguntar fosse uma violação do silêncio sagrado que reinava no galpão. Por um momento, pensei que ele não falaria, que se recusaria a responder, mas então ele se inclinou para mais perto e sussurrou, a voz carregada de pânico:

– Psiu... fica quieto. Escuta...

– Escutar o quê? – perguntei, minha confusão crescendo junto com o desconforto que tomava conta de mim.

Ele não respondeu de imediato. Seu olhar se tornou mais fixo, mais profundo, como se estivesse olhando além do espaço, além do tempo. Seus olhos estavam vazios, mas não de uma maneira natural. Havia algo ali, algo estranho, algo que o impelia a olhar para o abismo e, ao mesmo tempo, o fazia temer o que pudesse encontrar. Ele balbuciou, como se tentasse encontrar as palavras certas, mas estas lhe escapavam:

— Teu nome... escuta se ele chama teu nome.

As palavras dele me atingiram como um golpe, um choque gélido que se espalhou por meu estômago, congelando qualquer pensamento claro. Era como se, de repente, o silêncio ao nosso redor tivesse adquirido um novo significado, uma nova direção.

A espera, até então incompreensível, parecia ter agora um propósito, mas um propósito tão terrível, tão desconhecido, que o próprio ar ao nosso redor parecia ter se distorcido. Não mais apenas um som, mas uma vibração que se inseria nas fibras do ser, levando-nos a um entendimento obscuro de algo que não poderíamos compreender, mas que estava prestes a acontecer.

Eu olhei em volta, tentando encontrar alguma resposta nos olhos dos outros, mas todos estavam imersos na mesma expressão vazia, como se uma força invisível os mantivesse em um estado de transe. Uma tensão crescente preenchia o espaço, e a sensação de que algo estava prestes a romper o véu da realidade era palpável.

Eu tentei, em vão, resistir ao impulso de olhar em direção à porta, mas uma força irresistível me atraía para lá, como se o destino estivesse me chamando, como se algo aguardasse além daquela entrada sombria.

E então, como se o próprio ar tivesse se tornado pesado demais para suportar, uma voz ecoou no galpão. Sua origem era impossível de localizar, como se viesse de todas as direções ao mesmo tempo. Não havia som físico, não havia respiração ou suspiro, mas a voz estava ali, tão clara quanto o próprio vazio. E ela pronunciou meu nome.

A realidade, que até aquele momento parecia um reflexo fragmentado de um mundo que não entendíamos, de repente se distorceu.

O nome pronunciado, dito com uma clareza ensurdecedora, fez com que meu corpo tremesse, como se cada átomo dentro de mim estivesse sendo reconfigurado. O tempo, que até então parecia imutável, se curvou em torno de mim, como se todo o universo estivesse aguardando minha reação.

Eu não sabia o que fazer. Não sabia se deveria me levantar, se deveria gritar, ou se deveria simplesmente permanecer ali, imóvel, aguardando o que viria. Mas uma parte de mim, uma parte profunda e instintiva, sabia que o que quer que estivesse por vir não poderia ser evitado.

O galpão, esse espaço sombrio e vasto, havia nos atraído até ali, e agora ele estava chamando meu nome, como uma força que transcende a lógica, como um eco de algo que há muito tempo havia sido esquecido, mas que agora, finalmente, retornava.

O nome, ainda ressoando em meu ser, parecia arranhar minha alma. Ele não era apenas uma palavra. Era um estandarte que nos ligava a algo maior, algo além do entendimento humano. E, quando o som desapareceu, como se tivesse sido engolido pela própria escuridão, eu sabia que não havia mais volta. Estávamos todos, mais uma vez, prisioneiros de algo que não poderíamos controlar, algo que estava além de nós, além da nossa capacidade de compreender.

CAPÍTULO 3 — O CAPITÃO E O LIVRO ETERNO

Ao ouvir meu nome, uma quietude mortal tomou conta do galpão. O ar se tornou espesso, como se o próprio tempo tivesse hesitado em continuar a sua marcha. Todos os olhares, antes vagos e distantes, se fixaram em mim. Seus olhos, vazios, transbordavam uma intensidade que rasgava o tecido da minha alma. Era como se cada olhar fosse uma lâmina invisível, cortando através das camadas do meu ser, explorando-me de uma maneira que eu não podia compreender, mas sentia profundamente. O silêncio que se seguiu era absoluto, mais denso do que o próprio ar que respirávamos.

De pé, no centro do salão, diante de uma mesa maciça de madeira escura, estava o Capitão. Sua presença era inquestionável. Ele parecia ser parte do próprio galpão, como se tivesse sido moldado nas sombras e forjado pela terra que pisávamos.

Suas vestes eram pesadas, um longo sobretudo negro que se arrastava pelo chão, como um manto de escuridão que se estendia ao seu redor. Estrelas prateadas brilhavam em seu ombro, sinais de uma patente que transcendia qualquer autoridade que eu pudesse imaginar. Mas, mais do que seus trajes ou símbolos, o que me prendia era seu rosto. Uma face endurecida, esculpida pelo peso dos anos, fria e impassível como pedra. Seus olhos, de um negro profundo, não eram apenas olhos; eram abismos que pareciam conter todo o conhecimento sombrio do mundo. E, naquele instante, eu sabia: ele não era um homem, mas algo muito mais antigo, algo que caminhava entre as sombras do tempo.

Diante dele, sobre a mesa, repousava um livro gigantesco, aberto. O livro não parecia ser feito de papel, mas de algo mais antigo, mais eterno. As páginas eram de um amarelo envelhecido, como se o próprio tempo tivesse marcado sua carne. As palavras inscritas nas folhas pareciam pulsar, cintilando com uma luz doentia, uma luz que emanava das páginas como se o próprio livro estivesse vivo. Havia algo nele que me atraía e, ao mesmo tempo, me repelia. Algo que parecia estar além da compreensão humana, uma força que transcendia os limites da razão.

O Capitão, com seus olhos penetrantes, me observava com uma calma quase sobrenatural.

Sua voz soou novamente, não apenas em meus ouvidos, mas dentro de minha mente, reverberando em cada fibra do meu ser, como se ele fosse capaz de ver através de mim, de ler cada pensamento, cada medo que se escondia no fundo da minha alma.

— Venha — ordenou ele, sua voz baixa, mas carregada de uma autoridade inegável.

Dois soldados se moveram rapidamente em minha direção, suas mãos fortes e implacáveis me levantando do banco. Eles me conduziram até aquele altar sombrio, cada passo meu ecoando no vazio do galpão, como se a própria terra estivesse atenta ao que estava prestes a acontecer.

À medida que me aproximava do Capitão, o livro parecia crescer, sua presença se tornando cada vez mais dominante, como se estivesse absorvendo toda a luz ao seu redor. O ar se tornava pesado, carregado com a sensação de que estávamos diante de algo que não podia ser tocado, algo que transcendia o próprio espaço em que nos encontrávamos.

Quando finalmente estive diante do Capitão, ele estendeu a mão, oferecendo-me quatro balas de fuzil. As balas reluziam sob a luz fraca do galpão, brilhando com uma intensidade inquietante. Cada uma delas parecia pesar mais do que qualquer arma, mais do que qualquer morte. Elas eram portadoras de um destino sombrio, e eu podia sentir isso em cada partícula do meu ser. Não era apenas munição.

Era a promessa de uma guerra sem fim, uma guerra que não tinha início nem fim, mas que se repetiria indefinidamente, como uma ferida aberta no tecido da realidade.

O Capitão me observava, impassível, enquanto suas palavras se deslizavam no ar, geladas e sem compaixão:

– Vá para o campo de batalha – disse ele, a ordem tão simples, mas imbuída de um peso intransponível.

Eu hesitei, o coração batendo forte, minha mente em um turbilhão de pensamentos desconexos. Não sabia o que significava "campo de batalha", mas sentia que a resposta estava diante de mim, mais próxima do que eu gostaria de admitir. Olhei para o Capitão, buscando alguma pista, alguma explicação.

E então, as palavras saíram de meus lábios, sem que eu pudesse controlá-las:

— Mas... — comecei, a dúvida fazendo minha voz vacilar — e a arma?

O Capitão soltou uma risada, uma risada seca, sem humor, que soou mais como o som de ossos quebrando sob uma pressão insuportável. A risada se espalhou pelo galpão, mas não tocou ninguém. Parecia flutuar, como se não fosse um som, mas uma manifestação do próprio vazio.

— Armas... — ele murmurou, sua voz mais baixa agora, como se falasse de algo distante, quase esquecido — no campo de batalha, há muitas armas. Você não precisa de uma arma. Pegue a de algum que tenha perecido, ou junte-se àqueles que têm uma. Aqui, cada um de nós vai com algo, mas nem sempre é aquilo que parece.

Um vai com a arma, outro com a munição.
Você... vai com a munição.

As palavras dele eram uma sentença, mas também uma revelação. A munição não era algo para ser disparado. Não era um simples objeto de destruição. Era um fardo. E eu, naquele momento, me dei conta de que não havia escolha. O campo de batalha estava à frente, e não havia como escapar. O Capitão, com seu olhar de pedra e sua voz que ecoava no vazio, já sabia disso. Ele sabia que todos nós éramos, de alguma forma, prisioneiros daquela guerra que nunca acabava. E que, por mais que tentássemos nos afastar, nós sempre seríamos atraídos de volta para o centro daquele abismo.

O galpão, que até então parecia ser apenas um lugar sombrio e imenso, agora se revelava como um limbo, um ponto de transição entre a vida e a morte, entre a luz e a escuridão. O livro, com suas palavras cintilantes, parecia olhar para mim com uma sabedoria que eu não podia compreender, mas que, em algum nível, já havia aceitado.

E assim, com as balas pesadas nas mãos, a presença do Capitão e o peso do livro eterno sobre nós, fui levado para o que me aguardava, sem saber exatamente o que era, mas com a certeza de que aquilo já havia começado, e que não haveria mais fim.

CAPÍTULO 4 — MUNIÇÃO PARA A GUERRA

Fui conduzido para fora do galpão, minhas pernas pesadas como se cada passo fosse uma travessia entre mundos. O ar estava denso, saturado com um peso que não podia ser ignorado, e a terra sob meus pés parecia grudada, como se me puxasse para baixo. À medida que caminhávamos em direção a um pequeno monte que bloqueava minha visão do horizonte, o céu acima se convulsionava. Reflexos estranhos, gerados por explosões distantes, saltavam e se espalhavam pela terra encharcada. A luz era distorcida, como se o próprio céu estivesse sendo rasgado por forças além da compreensão humana, e o mundo lá fora se tornasse um lugar distante, distorcido.

O cheiro da pólvora e do sangue, misturados de uma forma nauseante, envolvia o ambiente, como se a terra estivesse sendo regada por um veneno antigo.

O som de tiros, explosões e gritos distantes aumentava a sensação de pavor, como um pesadelo que não cessa, uma sinfonia de horror que tocava nas fibras mais profundas da alma. Cada explosão parecia arrancar pedaços de mim, e eu não sabia mais se as feridas eram físicas ou espirituais. O terror, essa presença incômoda e persistente, era uma sombra que caminhava ao meu lado, algo que eu não podia afastar, que não me deixava sequer respirar sem sentir seu peso.

Subi o monte com passos pesados, cada um marcado por uma sensação crescente de que o mundo estava à beira de se desintegrar. O ar lá em cima estava mais rarefeito, mais frio, e ao olhar para o outro lado, o cenário que se descortinava diante de mim era uma visão apocalíptica, um espelho da própria destruição.

As trincheiras estavam cobertas por corpos, uma paisagem de morte em que cada pedaço de terra revirada parecia gritar por mais. O combate era invisível, mas podia ser sentido em cada respiração, em cada pulsar do solo. Não havia necessidade de ver os inimigos, pois sua presença estava impregnada no ar, nas sombras que se estendiam pela vastidão devastada.

O medo se instalou mais uma vez, pesado como um fardo, e, sem hesitar, corri em direção a uma pequena barricada, buscando abrigo, um refúgio, por mais que temporário fosse. Mas ali, atrás da proteção frágil, a guerra não parava. Ela continuava, sutil, implacável, espreitando entre as brechas do medo e da sobrevivência.

Foi então que o vi. Um soldado, caído parcialmente, lutando para recarregar seu fuzil, mas sem munição. Seus movimentos eram frenéticos, como se a desesperança já tivesse tomado conta de sua alma, mas ele continuava, mesmo sabendo que não havia mais nada a fazer. Ele olhava para o fuzil com uma intensidade desconcertante, como se, ao olhar para ele, pudesse encontrar alguma resposta, algum remédio para o desespero.

Sem hesitar, chamei-o, minha voz saindo mais firme do que eu imaginava ser possível. Era como se algo dentro de mim tivesse se despertado, uma força desconhecida que me empurrava a agir, a me envolver com aquele soldado, com aquela cena de desesperança que eu não podia permitir que me engolisse.

Sem pensar, entreguei-lhe as balas. No momento em que ele as recebeu, algo indescritível aconteceu. Uma onda de força percorreu meu corpo, como se as balas tivessem uma energia própria, algo além de sua função como simples instrumentos de morte. A sensação foi tão intensa que meu corpo tremia, não mais de medo, mas de algo novo, algo que tomou o lugar do terror.

O medo começou a desaparecer, mas não foi em um ato simples de resignação. Foi como se o medo, essa sombra que me acompanhava, tivesse sido dissolvido por algo mais forte, mais poderoso. E, em seu lugar, surgiu algo que eu não poderia mais ignorar: coragem. Mas não a coragem que normalmente se associa ao ato de lutar. Era algo mais profundo, mais antigo.

Era a coragem de quem já havia aceitado o horror que o cercava, mas ainda assim, se erguia diante dele, como uma força indomável.

Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, nem o que essas balas representavam, mas naquele momento, entendi uma verdade amarga. A guerra, com sua brutalidade e sua implacabilidade, não era algo a ser temido. Era algo a ser aceito, incorporado. O soldado ao meu lado, que até então parecia ser parte de um cenário sem esperança, agora parecia um reflexo de mim mesmo, alguém que, como eu, havia sido moldado pela guerra, pela violência, e pela necessidade de lutar, ainda que soubéssemos que o fim nunca chegaria.

A coragem não era um grito de vitória, mas uma quietude implacável. Eu a senti na ponta dos meus dedos, na pressão do fuzil que agora parecia tão familiar. O peso das balas não era apenas físico. Elas eram portadoras de algo que se alastrava, algo que não era mais um simples ato de resistência, mas uma rendição ao inevitável. A guerra, em sua forma mais crua, não nos pedia escolhas. Ela nos obrigava a agir, a mover-nos para frente, a seguir com o que nos restava. E, naquele instante, eu sabia. O campo de batalha, aquela terra destruída, não era mais apenas um lugar de combate. Era um espelho de nossas almas, um reflexo do que éramos agora: munidos, não de armas, mas de nossa própria vontade de continuar, de enfrentar aquilo que não podia ser vencido.

E, como aquela pequena barricada que tentávamos chamar de refúgio, sabíamos que não havia onde esconder.

O horror, a morte, a luta... tudo isso era parte de um ciclo eterno, algo que se repetiria até que não restasse mais nada. Mas a coragem que agora tomava conta de mim não vinha da luta, mas da aceitação dessa guerra sem fim, desse confronto constante com o abismo.

CAPÍTULO 5 — O CAMPO SEM INIMIGOS

Ao lado daquele soldado, algo curioso começou a se formar, algo que eu não podia entender completamente. A cada novo companheiro que se aproximava, uma presença invisível parecia se fortalecer entre nós, como se uma corrente invisível nos ligasse de maneira misteriosa, tecida pela própria essência da batalha. A terra, ainda pulsando com o ressoar das explosões, parecia se abrir sob nossos pés, absorvendo nossas presenças, mas ao mesmo tempo, nos mantendo elevados, conectados a algo além do alcance da nossa visão.

Eu gritei, chamando mais homens para se juntarem a nós. A minha voz, carregada de uma urgência inexplicável, ecoou pelo campo devastado, quebrando o silêncio pontuado apenas pelo som das explosões e dos gritos. Quando os outros começaram a chegar, a cada passo, uma energia diferente parecia se acender dentro de mim.

Era como se, com cada soldado que se aproximava, uma força crescente tomasse forma, uma força que não era simplesmente a soma dos corpos, mas algo maior, algo que transcendia a carne, a guerra e até a própria ideia de combate.

O inimigo não estava claro, não o víamos. Era como se a própria ideia de inimigo tivesse se dissolvido diante de nós, como se tivéssemos sido lançados a uma guerra sem um alvo, uma guerra sem uma definição nítida. O campo de batalha, vazio de presença física, estava, no entanto, repleto de uma tensão invisível, como se o verdadeiro inimigo fosse uma força que não se poderia ver, mas que nos rodeava, nos penetrava, nos corrompia. Ele era mais interno do que externo, mais psicológico do que físico. Talvez, em algum lugar profundo dentro de nós, o verdadeiro confronto fosse travado.

O campo não era mais um simples espaço de combate. Era um campo sem inimigos visíveis, mas cheio de armadilhas, cheio de forças que não podíamos compreender. Sabíamos, porém, que estávamos lutando contra algo. Era como se a guerra fosse uma entidade própria, uma força que surgia dos abismos mais profundos da alma humana, uma guerra que não poderia ser vencida com fuzis ou balas, mas com algo que residia dentro de cada um de nós, e ao mesmo tempo, fora de nós, num ciclo interminável e sem fim.

Mesmo sem um inimigo tangível à nossa frente, o peso da guerra continuava, implacável. As explosões continuavam a iluminar o céu, rasgando a quietude com sua violência, suas chamas refletindo o tormento que se espalhava por todo o campo. E os gritos, esses gritos, eram ecos de algo mais profundo, um lamento ancestral que parecia se originar do próprio solo, como se a terra estivesse gritando por liberação, por redenção.

Mas, em meio a tudo isso, havia algo estranho: não havia pavor. A sensação que tomava conta de nós não era de medo, mas de uma compreensão silenciosa, quase resignada.

A cada passo, a cada soldado que se unia ao nosso grupo, a sensação de invencibilidade crescia. Não de uma invencibilidade conquistada pela força física, mas por algo mais transcendental. Era como se cada novo homem, ao se juntar a nós, fosse uma extensão de uma energia cósmica que se formava, uma energia que sabia que a guerra não tinha um fim definido, que a luta não se tratava de vencer, mas de permanecer. Cada homem que se aproximava não trazia mais uma arma, mas uma presença, um elemento de resistência que, juntos, criavam uma força imbatível, não pela destruição, mas pela aceitação da luta sem fim.

Era como se a guerra, em sua essência, fosse um paradoxo. Estávamos lutando contra algo que não podíamos definir, contra uma força que não podia ser destruída, pois ela não existia da forma como conhecíamos. Talvez estivéssemos lutando contra nós mesmos, contra o vazio que preenchia nossas almas, contra o abismo que se abria diante de nós. E, ainda assim, à medida que nos uníamos, à medida que nos tornávamos mais, a força dentro de nós crescia, transformando o medo em algo mais distante, mais tênue.

Ali, no meio daquele campo sem inimigos, em meio ao caos silencioso da guerra, algo mais profundo estava sendo forjado. Não éramos mais soldados. Não éramos mais homens. Éramos fragmentos de algo maior, algo que não podia ser destruído pela simples violência, algo que existia além da compreensão humana.

A guerra continuava, mas ela já não era mais o que parecia ser. Não havia mais guerra contra inimigos visíveis. Agora, a guerra era contra o que estava dentro de nós. E isso, mais do que qualquer outra coisa, parecia ser a verdadeira batalha.

CAPÍTULO 6 — A ESSÊNCIA DA UNIÃO

Foi então que a verdade se revelou, não como um grito ensurdecedor, mas como um sussurro distante, que se fez ouvir nas profundezas da alma. A batalha, percebi, não era contra inimigos de carne e osso. O verdadeiro conflito, o mais profundo de todos, estava dentro de nós mesmos. O campo de batalha, essa vastidão de terra devastada e corpos dispersos, não era mais o local de um confronto externo, mas o reflexo de uma guerra interna que se desenrolava em nossos corações, em nossos pensamentos, em nossos próprios medos. Não era mais sobre destruir o outro, mas sobre destruir o que existia dentro de nós, as barreiras invisíveis que nos separavam.

A cada nova união, a força que emergia não era simplesmente a soma de soldados, não era uma força física, nem mesmo espiritual. Era algo além de tudo isso.

Era uma energia antiga, invisível, que se formava entre aqueles que compartilhavam um propósito comum, uma conexão que transcende o tempo, o espaço e até a própria vida. Era como se cada soldado que se unisse a nós, ao invés de simplesmente aumentar o número de nossas forças, trouxesse consigo uma parte de algo maior, algo intangível, que não podia ser tocado, mas que se sentia nas profundezas do ser.

Essa energia que nos ligava, que nos fazia mais do que apenas um conjunto de indivíduos, era a essência da união. Não se tratava de lutar juntos, mas de existir juntos, de nos fundirmos em uma unidade inquebrantável. Cada homem, cada alma que se aproximava, não estava apenas oferecendo sua força, mas sua humanidade. Estávamos todos lançados na mesma maré de destino, e ao nos unirmos, transcendemos o conceito de batalha.

Não éramos mais soldados, não éramos mais carne e osso; éramos uma corrente que atravessava o abismo, que se conectava ao infinito, que ultrapassava as limitações do mundo físico.

A luta, assim, não era contra algo externo, mas contra a própria separação. Contra o isolamento que nos fazia acreditar que éramos frágeis, que estávamos sozinhos. O verdadeiro inimigo não estava na escuridão à nossa frente, mas na luz que tentávamos esconder dentro de nós. Era o medo, o medo do desconhecido, o medo de nos entregarmos completamente uns aos outros, o medo de sermos vulneráveis. Esse era o inimigo que nos enfraquecia, que nos mantinha apartados, que nos fazia duvidar de nós mesmos e uns dos outros.

E então, à medida que a união se fortalecia, também desaparecia o medo.

Não por força de vontade, mas pela simples certeza de que, ao nos unirmos, não havia mais espaço para a dúvida. Não havia mais espaço para o ego, para o isolamento. Tornamo-nos algo maior do que a soma de nossas partes. Não éramos mais apenas homens, mas uma força indestrutível, uma essência que não podia ser quebrada, uma chama que não podia ser apagada. A guerra que travávamos não era mais uma guerra de destruição, mas uma guerra de transcendência. E essa transcendência não era uma vitória sobre um inimigo, mas uma vitória sobre nós mesmos.

A vitória, compreendi finalmente, não estava no campo de batalha. Não estava nas explosões, nem nos corpos caídos, nem na destruição. A verdadeira vitória estava na união de nossas almas, na nossa capacidade de nos entregarmos uns aos outros, de formar algo que não fosse apenas físico, mas espiritual.

Era na compreensão de que, no final, não importa o quanto o mundo ao nosso redor se desintegre, o que realmente importa é a capacidade de se manter em pé, de permanecer unido, de transcender as forças que tentam nos dividir.

A vitória, essa vitória que nunca poderia ser conquistada por armas ou sangue, já estava ao nosso alcance. Ela não dependia da conquista de um campo, mas da conquista daquilo que nos torna humanos: a capacidade de amar, de confiar, de unir forças para lutar não contra o mundo, mas contra aquilo que divide o mundo dentro de nós. No momento em que compreendemos isso, entendemos que não há guerra que possa nos vencer, não há inimigo que possa nos destruir, pois, no fundo, somos todos feitos da mesma essência, a essência da união, e, nela, residem as chaves para a verdadeira liberdade.

CONTOS

Oníricos

O GRANDE LIVRO NASCEU DE UMA SÉRIE DE INTENSOS SONHOS LÚCIDOS, EM QUE O SUBCONSCIENTE PARECE NOS CONDUZIR POR CAMINHOS ENIGMÁTICOS, REPLETOS DE SIGNIFICADOS OCULTOS. DURANTE ESSES SONHOS, A PERCEPÇÃO DE TEMPO E ESPAÇO SE DISTORCE, REVELANDO VERDADES E MEDOS QUE RARAMENTE CONFRONTAMOS EM ESTADO CONSCIENTE. CADA CAPÍTULO DESTES CONTOS REFLETE FRAGMENTOS DESSAS EXPERIÊNCIAS, ONDE O CENÁRIO DE GUERRA E OS PERSONAGENS SÃO MERAS REPRESENTAÇÕES DE CONFLITOS INTERNOS, LUTAS TRAVADAS ENTRE O MEDO DO ISOLAMENTO E A BUSCA PELA UNIÃO.



DREAMWALKER